

Do debate público ao cara-a-cara: Marília Gabriela comanda o Roda Viva

Fernanda Mauricio

No dia 31 de agosto de 2010, a jornalista Marília Gabriela assumiu o comando do programa Roda Viva, da TV Cultura. Com isso, Gabi, como é conhecida pelos telespectadores, ocupa três horários na grade de programação da televisão brasileira: está à frente, desde 1996, do Marília Gabriela Entrevista (do canal pago GNT) e em maio de 2010 voltou ao SBT para apresentar o De Frente com Gabi, aos domingos, meia noite. A função de mediadora do Roda Viva impõe a Marília Gabriela um modo distinto de exercer entrevistas. A apresentadora tem-se firmado no cenário televisivo pela abordagem voltada para o lado humano e íntimo de seus entrevistados, sabendo extrair deles informações pertinentes para a vida cotidiana do telespectador.

O Roda Viva, porém, possui uma proposta distinta. A atração é considerada pela crítica (Revista Imprensa, 19 out. 2004) um dos melhores programas de entrevista da televisão brasileira. Parte desse sucesso está relacionada à qualidade da troca de opiniões e ideias de entrevistadores e entrevistado, configurando uma proposta de debate público. Desde sua estreia, em 1986, o programa mantém um cenário em forma de arena, no qual o convidado do dia se via acuado pelos entrevistadores, que o cercavam numa arquibancada um nível acima. Comumente, as perguntas visavam levar os entrevistados à contradição e à revelação de verdades ocultas.

A chegada de Marília Gabriela ao Roda Viva é acompanhada por outras mudanças: ao invés de um grupo completo de jornalistas convidados, agora a atração da TV Cultura conta com dois jornalistas fixos – Augusto Nunes e Paulo Moreira Leite – e dois convidados; os participantes estão todos no mesmo nível no cenário, criando uma aproximação física entre eles; o programa deixou de ser exibido ao vivo e passou a ser gravado algumas horas antes de sua transmissão. Tais transformações trazem implicações naquilo que sempre foi seu ponto forte: o debate público.

Primeiro, a dinâmica do debate parece estar mais centrada nas performances dos três mediadores fixos. Marília Gabriela, Paulo Moreira e

Augusto Nunes disputam a posse da palavra e visivelmente posicionam-se mais que os dois entrevistadores convidados. Na edição de estreia, os três mediadores foram responsáveis por cerca de 70% das perguntas dirigidas ao entrevistado do dia, o empresário Eike Batista (31 ago. 2010).

O lugar de destaque, porém, continua com o entrevistado, como salientou Marília Gabriela ao dizer que é de Eike “a última palavra do programa”. A mudança da configuração do cenário não é apenas estrutural, mas demonstra uma mudança discursiva: a posição de superioridade que os entrevistadores possuíam foi substituída pela condição de igualdade, uma vez que todos estão no mesmo nível. Juntamente a isso, os enquadramentos também provocam maior proximidade entre os entrevistados e o telespectador. Ao invés de aparecer da cintura para cima, como era característico do programa, as personalidades no centro da roda aparecem num plano mais próximo. Muitas vezes, essa proximidade faz lembrar o modelo cara-a-cara, marca da nova apresentadora do Roda Viva, que se permite introduzir perguntas pessoais como “você estava de topete novo?”, “você vai casar com sua nova namorada?” (para Eike Batista, 31 ago. 2010).

Por manter entrevistadores fixos, nem sempre a área de atuação do entrevistado coincide com suas especialidades ou sua trajetória. Na estreia da nova fase do programa, Marília Gabriela ressaltou que seu colega de bancada Paulo Moreira tem interesse em política e que Augusto Nunes tem uma carreira construída em diversos veículos impressos. Em nenhum dos casos parece haver uma aderência à área de cultura, por exemplo, para entrevistar o ator Wagner Moura (28 set. 2010).

O que mais desconfigura o programa como debate público, porém, é a ausência da participação da audiência. Desde seu surgimento, o Roda Viva se caracterizou pela possibilidade de interação com o público, que podia fazer perguntas diretamente ao entrevistado por telefone. Esse investimento inicial do programa tinha como pano de fundo o cenário de redemocratização do país, após o movimento das Diretas Já. A concessão da palavra ao telespectador visava cumprir o papel de construir um jornalismo verdadeiramente democrático, em que o público também poderia manifestar-se.

Com o desenvolvimento da tecnologia, a internet passou a ser o espaço preferencial para intervenção dos telespectadores. Por e-mail, pelo twitter ou pelo site do programa na Internet, a audiência não só poderia enviar

perguntas, como poderia criar um espaço de debate paralelo ao programa televisivo.

Na nova versão, o Roda Viva passou a ser gravado e tirou do público a possibilidade de participar. Seria demasiadamente romântico afirmar que o espaço que o programa da TV Cultura concedia à participação popular era pleno do ponto de vista democrático. Não era. Mas no cenário jornalístico, o Roda Viva mantinha esse diferencial e parece ter dado um passo atrás no sentido de permitir acesso igualitário às personalidades que ocupam o centro das tomadas de decisão.